

Corpos efeminados na escola: a subalternidade em um espaço excludente¹

Effeminate bodies inside the school: subalternity in a excluding space

Robson Guedes da Silva²; Karina Mirian da Cruz Valença³.

Resumo

Este estudo se objetivou em abordar a escola enquanto dito espaço de inclusão e diversidade, mas, que na práxis se configura e reverbera em sua forma excludente e normativa, não respeitando as subjetividades dos corpos contidos nela. Não obstante, esta pesquisa se empenhou em abordar a importância de problematizar as questões de gênero dentro do cotidiano escolar através de suas práticas pedagógicas, bem como denotar os variados preconceitos que se direcionam aos estudantes que não se enquadram em padrões patriarcais de expressões de gênero, no que se concerne ao masculino, sendo objetificados e chamados de efeminados e de bichas. A pesquisa, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas em sua metodologia, possuiu o intuito de analisar as concepções dos professores e estudantes de uma escola estadual da cidade do Recife-PE; acerca das expressões de gênero, bem como o entendimento sobre os termos efeminados e bichas. Além de perceber como a escola em sua gestão, coordenação pedagógica e professores trabalha pedagogicamente com esses corpos lidos como subalternos.

Abstract

This study aims to study the school as an entity that calls itself to be a space of inclusion and diversity when in reality reverberates in its excluding and normative formate. Furthermore, this research tried to address the importance of gender issues within school's daily life through their pedagogical practices. Finally the work denotes the variety of prejudices directed to certain students whom will not be framed in patriarchal patterns of gender expression, when concerning masculinity, being objetified and "called names" such as sissy and queer in a negative way. The research annalysed the conception teachers and students from a State School of Recife, Pernambuco have about themes such as gender expression and terms such as femme and queer. This was done by using semi-structured interviews with these groups of people in its methodology. It also tried to conceive how the school's management, pedagogical coordination and teachers deal with the subject of those subordinate bodies.

Palavras-chave: Expressões de Gênero. Efeminados. Escola.

Keywords: Gender Expressions. Effeminate. School.

¹ Trabalho preparado para sua apresentação no VI Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco-EPEPE, realizado pela Fundação Joaquim Nabuco. Juazeiro-BA, 18 a 20 de maio de 2016.

² Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Foucault e Educação (GEFE-UFPE); e-mail robsonguedes00@hotmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Departamento de Métodos e Técnicas do Centro de Educação da UFPE; Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Foucault e Educação (GEFE-UFPE); e-mail karinamirian@gmail.com.

Introdução

Fatores como perceber o cotidiano escolar, avaliar as práticas pedagógicas que diariamente se efetivam dentro do espaço de uma unidade de ensino, admitir muitas vezes o caráter violento que há na escola e não só nela, mas na sociedade, nos devem fazer refletir sobre a dita “inclusão”, que muitas vezes a escola expõe em seus discursos sobre a sua representação no meio social. Torna-se contraditório um espaço que hoje tenta cada vez mais se afirmar como inclusivo ter sido violento ao longo de sua história e permanecer sendo, pois, é preciso ressaltar como bem é sabido, que a violência é uma das formas mais expressivas de exclusão. Em contrapartida, é necessário igualmente perceber a violência escolar como um grandioso impedimento para a efetivação de uma verdadeira inclusão, dessa forma, é preciso concordar com Elis Priotto quando evidencia a denominação de violência escolar como:

...todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar. (PRIOTTO, 2009, p. 162).

Esta violência é por vezes explícita e, por outras velada. A escola convida os corpos estranhos a ela a se retirarem do ambiente que lhe foi conferido. A exclusão pode também ser entendida como uma das referências empíricas dos corpos que não seguem uma estética de gênero dominante, pois, o currículo proposto pela escola tende a sugerir uma equivalência e caráter homogêneo aos que nela habitam. As práticas curriculares cotidianas da escola tendem a querer padronizar e punir os que não seguem os padrões hegemônicos, visto que Tomaz Tadeu afirma que “[...] o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero” (SILVA, 2005, p. 97). Evidencia-se, assim, como um padrão imposto não pode neste espaço ser questionado, problematizado e muito menos transgredido.

Dentro do espaço escolar, por muitas vezes os corpos passam por um processo de silenciamento, aprendemos o silêncio que devemos efetivar no social sobre todas as questões que não podem ser retomadas e problematizadas, pelo motivo de que um discurso dominante a subjugou como algo impróprio de se falar ou questionar. Michel Foucault, falando sobre os procedimentos de interdição e exclusão da fala, afirma que: “Sabe-se bem que não se tem o

direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Podemos, a partir disso, refletir sobre o quanto os alunos muitas vezes não socializam as dúvidas, divergências e receios que diariamente os cercam enquanto estudantes. Não o fazem por variados motivos, desde receio pelo que os professores pensarão até a reação da família ao tomar conhecimento da coordenação escolar sobre o dito “nível” questionador e incômodo de alguns. Bem, se este espaço, dito educativo, tende a controlar e padronizar os sujeitos, o que ele fará com aqueles que tentam a esse currículo imposto transgredi-lo? Partindo dessas abordagens podemos reafirmar alguns dos procedimentos de exclusão que encontramos na escola, que persiste em se denominar inclusiva: a violência, o currículo hegemônico e patriarcal, e, por fim o controle da fala através do silenciamento.

Partindo dessas observações, o que motivou a busca pela construção desta pesquisa foram: as percepções pessoais do tempo em que cursei o ensino médio, onde já me era perceptível os procedimentos de exclusão, acima citados, que um grupo de alunos sofria por parte da comunidade escolar, pelo fato de serem efeminados e homossexuais assumidos. A violência física que muitos deles sofriam, por parte dos outros alunos, acontecia sob o pretexto de correção que os fazia “tomar jeito de homem”, apesar de muitos desses agressores manterem relações afetivo-sexuais com esses alunos efeminados de forma não explícita.

As falhas existentes no currículo da escola permitiam que os educadores, em suas práticas pedagógicas, criassem um quase sistema de castas, conseqüentemente, um grupo era formado por estudantes com essa vivência de exclusão, e não era bem inseridos pelos professores em suas atividades por não possuir um padrão de comportamento comum aos demais garotos da turma e da escola.

O controle da fala dos meninos efeminados, para não influenciarem os outros estudantes, controle esse protagonizado pela gestão, coordenação pedagógica e corpo docente da unidade de ensino. Portanto, pode-se concordar com Guacira Louro (1997, p. 57) quando afirma que: “[...] diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade a escola produz isso”. Esses procedimentos de exclusão aos corpos que não são padronizados nos fazem questionar a importância da educação sexual no tocante ao trabalho das questões de gênero no cotidiano escolar. E diante disso assumimos como problema de pesquisa duas

questões: quais as concepções de professores e alunos sobre expressões de gênero? E como a escola lida com corpos efeminados?

1. Metodologia

Esta pesquisa de caráter qualitativo se nutriu de entrevistas semiestruturadas, realizadas com 3 (três) professores e 5 (cinco) estudantes de uma escola estadual localizada na zona norte da cidade do Recife-PE. As entrevistas com os professores tiveram como objetivo perceber as concepções dos educadores acerca dos alunos “efeminados”, além de entender suas ideias sobre expressões de gênero e se/como trabalham pedagogicamente com o que se concerne ao respeito à diversidade sexual e de gênero. Partindo desse pressuposto, com os estudantes o intuito foi perceber, assim como com os professores, quais as suas concepções sobre os alunos “efeminados”, e sobre expressões de gênero.

2. Corpo Subalterno

Dentro de uma sociedade construída e instituída por/em padrões hegemônicos, patriarcais e sexistas, que se objetivam a imprimir nos sujeitos arquétipos que podem ter um aval de dita normatividade, evidencia como de forma expressiva os corpos que não seguem as prescrições impostas ao longo da história sofreram retaliações e agressões físicas. Baseado nisso, observar alguns destes corpos nos leva a repensar nossas concepções sobre o corpo mediante as suas resistências e transgressões desses padrões. Pensar o corpo é problematizar muito mais do que o compreendemos no concernimento biológico, pois é vê-lo enquanto identidade, nossa bandeira cotidiana de existência, nossa expressão na sociedade, e não somente um montante de células, órgãos e vasos sanguíneos, mas também uma soma de significados culturais que nele cotidianamente é impressa.

É preciso, a partir deste viés, problematizar o corpo como uma construção social, política, histórica e cultural, percebê-lo enquanto texto, que constantemente fala, problematiza, educa ou deseduca aquele que o lê. Desta forma, é pertinente lembrar os fatores que levam alguns corpos a não serem “aceitos” durante o percorrer da história, por meio da ciência; vejamos segundo Louro que:

O tamanho do cérebro, por exemplo, poderia justificar o nível de inteligência dos sujeitos; a aparência do rosto (cor de pele e dos cabelos) passou a ser a aptidão de alguns para o trabalho manual; as feições (traços do rosto), o tamanho das mãos ou do crânio poderia classificar os comportamentos e identificar os loucos, criminosos, tarados e agitadores políticos. (LOURO, 2010, p.34)

Não distante disso, a sociedade nos seus discursos tornou por tempos a melanina enquanto a justificativa de corpos serem excluídos, escravizados e mortos, em outrora, corpos femininos foram lidos como abjetos, frágeis e passíveis de se tornarem posse de corpos masculinos que eram socialmente compreendidos na história enquanto fortes e detentores de poder. Partindo desse pressuposto, é pertinente lembrar também que a alguns séculos atrás:

Essas classificações colaboraram para que diferentes hierarquizações se estruturassem entre os humanos. Por vezes, os negros e/ou as mulheres foram considerados inferiores exclusivamente porque seus corpos apresentavam algumas características biológicas nomeadas por essa mesma ciência como inferiores, incompletas ou díspares. (LOURO, 2010, p.34)

Evidencia-se, então, que muitas vezes um discurso hegemônico pouco foi questionado e o resultante foi aquilo que bem sabemos: exclusão. Não diferente, na contemporaneidade quem possui esse corpo é lido como algo abjeto, ultrajado de estereótipos que existem com intuito de excluir e segregar quem o possui do meio social. Tal corpo é desconstruído de padrões que desde sempre fomos ensinados a ter e introjetar em nossas práticas, expressões, discursos, entre outras manifestações sociais. Corpo-texto, corpo-bandeira, corpo-marcas de um sujeito que muitas vezes resiste para viver por ser aquilo que se é.

Nesta perspectiva, precisamos problematizar que além do corpo negro, e do feminino temos historicamente corpos que também foram subalternizados e excluídos: os efeminados. É sabido que historicamente a sexualidade foi reprimida e o debate sobre ela pouco acontecia. Por conseguinte, imaginemos, então, como eram tratados os corpos que não seguiam um padrão heterossexual predominante. Como a concepção de sexualidade era tida como algo inerente ao ser humano, eram lidos como vítimas de uma patologia, corpos que detinham em si desejos que não seguiam uma hegemonia, Michel Foucault em *História da Sexualidade I* (2014) destaca quatro domínios históricos da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas procriadoras (entendendo o ato sexual como algo importante só quando se possuísse o intuito da procriação familiar) e a psiquiatrização do prazer (patologia dos desejos). Desta ótica é preciso, a partir da

exemplificação desses domínios, trazer também a concepção de sexualidade segundo Foucault, que a encara como sendo:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com grande dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2014, p.115)

A análise de como o patriarcado teve uma força expressiva na objetificação dos sujeitos, em seus controles, na patologia dos desejos que eles expressavam em seus corpos, nos faz trazer o exemplo das duras perseguições através de agressões e mortes com caráter hediondo que as pessoas que hoje comumente organizamos em uma sigla: LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) sofreram e sofrem até hoje. Tais agressões foram um dos motivos para surgimento, nos anos 60, de um movimento político e social após a chamada revolta de Stonewall (28 de Junho de 1969 - Nova York), que através de atos públicos faziam reivindicações pela garantia de direitos e respeito para com as lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Nota-se, neste sentido, como o corpo daqueles que nessa luta se empenharam foi duramente reprimido e taxado como impróprio, herético e subalterno. Concepção preconceituosa que muitas vezes ainda hoje persiste em existir em muitas pessoas alienadas por esse modelo de sociedade patriarcal e sexista.

Tomando como base o supracitado é preciso perceber o corpo como um texto. Sobre isso, Beatriz Preciado, em seu livro *Manifesto Contrassexual* afirma:

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. (PRECIADO, 2014, p. 26)

Neste sentido, podemos afirmar que o movimento LGBT ao notar que os corpos de seus integrantes foram lidos como alvo de ódio e repulsa, foi percebendo da mesma forma que seus corpos, enquanto subalternos, poderiam a partir desta concepção ser o texto de uma bandeira de luta, resistência e transgressão a um padrão hegemônico imposto, consequentemente as lutas do movimento foram reforçadas, ressignificadas e compreendidas de uma forma nova, principalmente com a ajuda da academia através de autores que adentravam nas pesquisas da chamada *teoria queer*.

3. Corpo Efeminado: a Bicha!

Temos historicamente uma universidade que sempre teve e defendeu um perfil dos que nela poderiam ingressar: pessoas brancas, ricas e heteronormativas. Com base nisso, é perceptível que diariamente em nome do legado do *status quo*, esse espaço convida (assim como a escola) as pessoas LGBT's, negras e de periferias que resistem neste espaço a se retirarem dele. Tais compreensões fizeram-me, ao ter o intuito de construir essa pesquisa, perceber enquanto pessoa LGBT, que precisou muitas vezes, nesta caminhada de resistência na escola e agora na universidade, se desconstruir em vários aspectos que advinha do patriarcado, a importância da militância na academia e na sociedade como um todo, ou seja, entender essa pesquisa como um ato político de militância na academia. Denotar que corpos efeminados resistem em espaços excludentes nos faz compreender a força que a militância corrobora em prol de uma sociedade mais emancipada e subalternizada, onde padrões impostos deixem de existir e se respeite as diferenças.

É necessário ressaltar que, também na contemporaneidade vemos que alguns setores da sociedade têm defendido o retorno de retrocessos significativos à luta histórica dos movimentos sociais, como por exemplo, o posicionamento contra as cotas, a perseguição aos debates/distribuição de livros que problematizem e conscientizem sobre questões de gênero e sexualidade. É preciso a partir disso perguntarmos-nos: o que reflete na escola os retrocessos defendidos por esses setores no tocante às questões de gênero e sexualidade?

Observa-se que a escola vira de forma significativa um campo de guerra onde as ideias divergem e as opressões se efetivam, pois podemos tomar por exemplo como muitas vezes a homofobia, dentro do espaço escolar é naturalizada e reproduzida, desde o colega de sala que bate até o corpo docente, a equipe gestora e pedagógica que pede ao aluno efeminado que tome “jeito de homem” porque se não continuará a ser agredido e lido como abjeto, sendo dele a culpa e ele o motivo.

É nessas situações que começamos a ver surgir de forma intensificada a palavra "efeminado" como definição dos corpos que tragam em si expressões de gênero feminino. É no ambiente escolar que de forma primeira é percebido, e não somente o efeminado, mas também um outro termo que muitas vezes é lido como ofensivo e utilizado para pejorativizar e ridicularizar os alunos pela sua expressão de gênero ou por sua orientação sexual: bicha. Para um estudante que esta cursando a educação básica, muitas vezes passando pela

puberdade, descoberta dos seus desejos e atrações, perceber-se enquanto homossexual, e mais que isso, notar que suas expressões não seguem um padrão determinado muitas vezes o deixa fragilizado por medo das retaliações que provavelmente sofrerá por parte dos pais, por aqueles que formam o corpo docente da escola, ou por seus "colegas" de turma. Muitos, inclusive eu, sofreram e sofrem piadas do tipo: "Sua bicha!" e/ou "Ele é todo mulherzinha". Isso gera desconforto, autoestima baixa, além da falta de vontade de frequentar a unidade de ensino por receio de novamente passar por essas situações vexatórias, que muitas vezes resultam em agressões físicas.

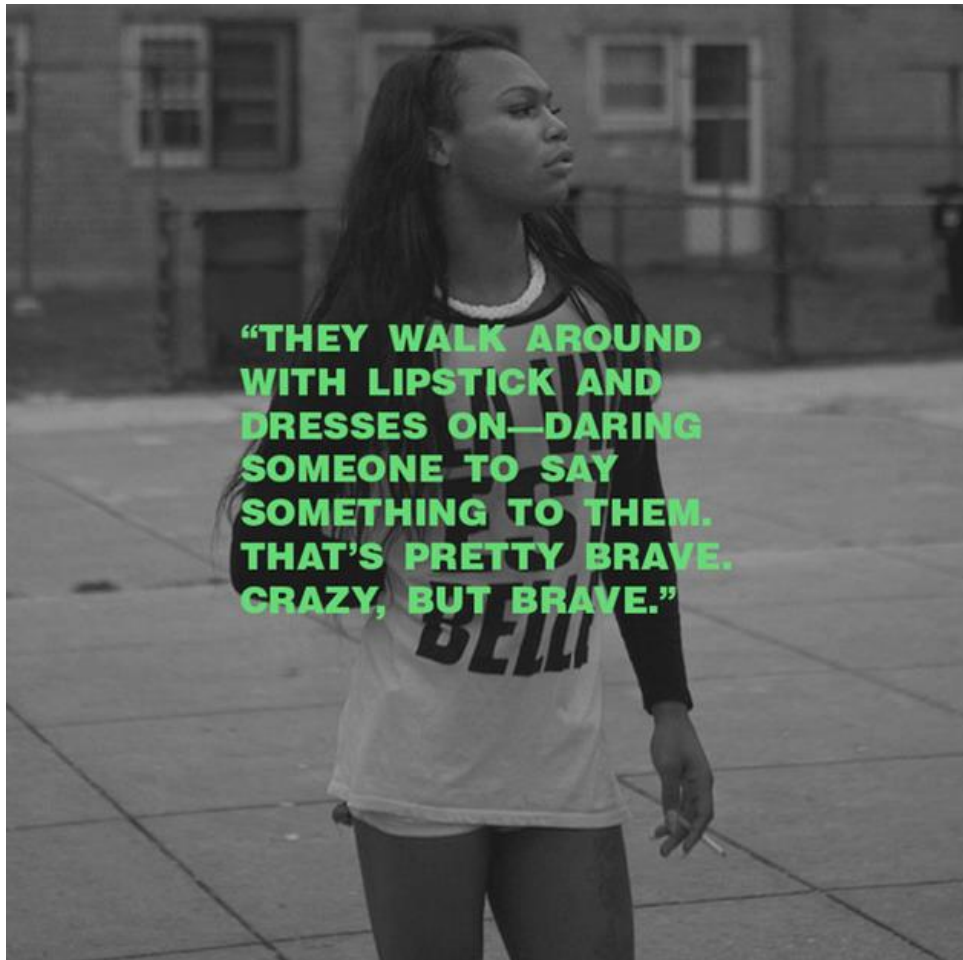
Todavia, também é percebido que alguns grupos de alunos têm ressignificado os termos "efeminado", "bicha" e "sapatona", tomando-os como bandeira de militância e resistência, acabam virando do avesso esse tipo de linguagem hegemônica, ou seja, se apropriam desses termos lidos como subalternos e os tornam performáticos. Podemos assim trazer a exemplificação de Preciado quando fala que:

Dessa maneira, por exemplo, sapatona passa de um insulto pronunciado pelos sujeitos heterossexuais para marcar as lésbicas como "abjetas", para se transformar, posteriormente, em uma autodenominação contestadora e produtiva de um grupo de "corpos abjetos" que, pela primeira vez, tomam a palavra e reclamam sua identidade. (PRECIADO, 2014, p. 28)

Sujeitos emancipados que percebem seus corpos como textos militam, educam e viram do avesso as concepções impostas, trazendo para si a subalternidade enquanto bandeira de luta. Isso é de suma importância para compreendermos como a leitura de si está tomando novas amplitudes e conscientizando os corpos efeminados a se empoderar e resistir. Não obstante, trazemos neste momento também como exemplo dois documentários que mostram adolescentes e jovens que são efeminados e bichas, e se autodenominam dessa forma com orgulho e militância.

O primeiro documentário é estadunidense, *Check It* (2015) é seu título e possui uma polêmica que o permeia, pois, retrata a história de cinco adolescentes homossexuais que criaram uma gangue para se proteger das violências que por serem gays e efeminados eram submetidos. O documentário possui como título o nome da gangue. Andando com facas, bastões de beisebol e socos ingleses, se defendem de seus agressores. O documentário completo ainda não foi lançado, pois, foi feita uma campanha de arrecadação pela internet para produzi-lo, mas teve seu trailer divulgado e a campanha foi sucesso de arrecadação.

Figura 1 – “Eles andam por aí de batom e vestido – desafiando as pessoas a dizer algo para eles. Isso é muito corajoso. Louco, mas corajoso”.



Fonte: CHECK IT, 2015.

O segundo exemplo é um webdocumentário pernambucano que tem como seu título *Bichas* (2016), realizado com seis jovens que relatam as suas vivências, desafios e militância enquanto bichas e efeminados.

Figura 2 – Documentário Bichas, direção de Marlon Parente.



Fonte: BICHAS, 2016.

O referido possui um roteiro onde os jovens abordam de forma espontânea, emocionante e até descontraída as variadas situações que os fizeram perceber que se identificarem enquanto bichas traziam para eles um sentido de empoderamento nas situações onde no passado quando liam o termo como pejorativo não possuíam. Um dos entrevistados relata:

A partir do momento em que uma pessoa te chama de bicha e você não se ofende com aquilo, e você aceita aquilo como um elogio, acabou a agressão. " Ok, querida. Sou bicha sim. E aí? Obrigada. Descobriu o Brasil! E agora? Vai, diz outra coisa aí. Porque não me ofendeu não. Eu adorei. Eu sou bicha sim". (BICHAS, 2016)

Podemos concordar, portanto, que esses exemplos nos fazem refletir sobre como é importante perceber na contemporaneidade essas performatividades que fortalecem o movimento LGBT. Mesmo o primeiro grupo tendo um aspecto mais incisivo, ver-se também a força da militância para a desconstrução de padrões e a construção de uma performatividade quer.

4. Professores X Expressões de Gênero

Como forma de compreender o que os docentes concernem sobre expressões de gênero realizamos entrevistas semiestruturadas com 3 (três) professores de uma escola estadual da cidade de Recife-PE, e, primeiramente perguntamos quais eram as suas concepções sobre expressões de gênero; as suas respostas foram as seguintes:

Não sei o que é. (Docente A)

É poder definir-se como entende que é, de forma como melhor agrada e se sente bem, sem ter que se preocupar com o que os outros irão pensar de achar de si. (Docente B)

Seriam as formas que o ser se encontra com sua forma mais íntima, se classificarmos gênero como masculino/feminino biologicamente estaríamos corretos, entretanto nem sempre é assim que alguns se veem, e isso tem que ser respeitado em todos os âmbitos. (Docente C)

Percebe-se o aspecto plural das respostas dos professores, enquanto um deles desconhecia o que lhe foi perguntando, os outros dois docentes colocaram suas impressões. Baseado nisso, evidencia-se que muitas vezes relacionam o sexo biológico, orientação sexual e expressões de gênero. Jaqueline Gomes de Jesus afirma que expressões de gênero é a "Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive". (JESUS, 2012, p. 13). Porém, algumas pessoas não possuem expressões de gênero que lhes foram atribuídas e impostas pelo contexto sociais, no caso dos homens o termo que foram designados foi o de efeminado. Partindo disso, perguntamos as concepção dos professores sobre o que seria uma pessoa efeminada, e tivemos como respostas as seguintes:

Sinceramente acho esse termo muito agressivo. As pessoas tem que aprender a respeitar as escolhas de cada um. (Docente A)

É uma pessoa delicada, com traços femininos. (Docente B)

Pessoa com jeito feminino (Docente C)

Dois dos docentes souberam definir o que o próprio dicionário afirma sobre o que é uma pessoa efeminada, o outro achou o termo pejorativo e ressaltou a expressão de gênero como escolha e não como uma construção social enquanto aspecto de uma pessoa que sempre esta se reinventando enquanto sujeito social de mudança. Por fim, perguntamos aos docentes como trabalhavam pedagogicamente com as temáticas de gênero e diversidade sexual visto

que elas são tidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) como temáticas transversais nos componentes curriculares nas unidades de ensino; obtivemos as seguintes respostas:

Nunca trabalhei esses temas em sala de aula. (Docente A)

Dentro de minha matéria abordo assunto de boas maneiras, relação interpessoal, capaz de fazer com que meus alunos se sintam bastante a vontade para estar em minhas aulas. (Docente B)

Sempre valorizando o respeito ao próximo, orientando sobre cuidado com o corpo independente se homo ou hétero, conscientizando sobre valores para que assim haja de forma justa o exercício da cidadania. (Docente C)

Quando se fala muitas vezes em abordagem pedagógica em educação sexual nos componentes curriculares, percebe-se a ausência de uma educação emancipatória que favoreça os educandos no conhecimento do que é gênero, orientação sexual e sexo biológico. Como se evidencia, apenas um dos docentes demonstrou em seu argumento a tentativa de abordar em seus conteúdos, um dos aspectos da educação sexual que é a prevenção do corpo. Quanto aos outros, vemos a ausência na abordagem das temáticas em suas aulas (Docente A), e no outro vemos a questão do ensino de boas maneiras (Docente B), que devemos nos questionar quais são elas, pois, se segue uma lógica predominante, reguladora dos corpos e suas expressões que não sigam um determinado padrão. Portanto, podemos concordar com Muller quando afirma que:

As noções de educação sexual precisam estar presentes na escola como um todo, ou seja, no ambiente escolar de forma mais ampla, incluindo todos os funcionários. Esse é o time que toma decisões sobre como manejar a educação escolar. E esse time precisa ter noções sobre educação sexual da criança e do jovem para que a mesma se dê de forma coerente e a contento. (MULLER, 2013, p. 35)

É preciso em meio a tantos ataques com o intuito de coibir que as questões de gênero e sexualidade sejam trabalhadas em sala de aula, notar que alguns docentes não se dão conta da verdadeira importância que ela tem no cotidiano escolar, como um efetivo instrumento para a diminuição dos preconceitos e respeito às diferenças em um espaço que historicamente sempre excluiu.

5. Meu colega dá pinta

Seguindo o mesmo processo de metodologia proposto para os professores, realizamos com 5 (cinco) alunos da mesma escola estadual. Os discentes participantes cursam o ensino médio e suas idades variam entre 15 e 16 anos. Utilizamos de entrevistas tendo como objetivo perceber as concepções deles sobre expressões de gênero; obtivemos os seguintes retornos:

Meu gênero é masculino mas meu gênero de expressão é mais pro lado feminino, em muitos lugares não sei me expressar no gênero masculino só no feminino (Discente A)

Pra mim é quando uma pessoa se expressa depende dela ser hétero, homossexual, lésbica. (Discente B)

Cada um tem sua forma de expressar, tem gays que não tem pinta, como tem héteros que sou uma pintinha, e as vezes não são gays. (Discente C)

Eu acho que tem haver com a forma de como a pessoa se comporta em meio a uma sociedade, que expressa seu jeito e como age. (Discente D)

Eu sou masculino, mas sou muito efeminada e acho isso nada demais, até porque é minha vida e todos tem que aceitar, eu nasci assim e vou ser sempre assim, goste ou não goste. (Discente E)

Muitas das respostas evidenciam que eles detêm a noção de expressão de gênero, como também se percebem enquanto corpos efeminados, tendo nas suas falas um pertinente empoderamento, quando um dos alunos (discente E) afirma que as pessoas gostando ou não ele é assim, estabelecendo uma contraposição à concepção do termo como agressivo, evidenciado pela professora (docente A). Partindo desse pressuposto, perguntamos aos estudantes quais as suas concepções sobre o que seria uma pessoa efeminada; a partir disso obtivemos as seguintes respostas:

É um tipo de pessoa que demonstra o seu gênero ou sua orientação, como se você é gay tem que demonstrar o que é, na minha opinião é isso uma pessoa efeminada é uma que mostra sua orientação. (Discente A)

Uma pessoa que tem características femininas. (Discente B)

Uma pessoa que tudo que faz dá pinta, usa roupas de mulher em relação a homens. (Discente C)

É uma pessoa que curte o mesmo sexo da outra. (Discente D)

Uma pessoa que se veste de mulher, se maquia, sai pra rua dando pinta chamando a atenção dos outros. (Discente E)

Dentre as respostas nota-se que três dos cinco estudantes souberam expressar o que é ser efeminado, ou como comumente alguns chamam hoje "dar pinta". No pensamento dos outros foi percebido assim como com os professores a associação das expressões de gênero

com a orientação sexual, deixando claro a necessidade que eles têm de formações sobre educação sexual no tocante a gênero (identidades, expressões e papéis), orientação sexual e sexo biológico; temáticas da sexualidade humana. Todavia, o próprio Parâmetro Curricular Nacional afirma que a escola de várias formas tende a negar-se ao debate sobre a sexualidade em seu espaço. O PCN diz que:

Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (BRASIL, 1997, p.78).

Portanto, perceber alunos que não sentem medo de se identificar enquanto efeminados, de se perceber enquanto bichas, e de resistir em um espaço que historicamente os exclui, nos faz refletir sobre a importância da educação para emancipação dos sujeitos.

Considerações Finais

Ao concluir esta pesquisa, entende-se a tamanha importância da presença de corpos efeminados no ambiente escolar, não obstante, observa-se também que há um longo caminho a ser percorrido. Foram percebidas evidências da necessidade de conscientizar professores, gestores e toda a equipe pedagógica sobre o quanto é proveitoso para a escola se abrir para trabalhar as temáticas da educação sexual, até porque os alunos, através desse processo de educação, constroem uma verdadeira emancipação. Nesta perspectiva, se fez necessário conhecer as concepções dos alunos sobre gênero, orientação sexual, e sexo biológico e desmistificar visões errôneas encontradas nelas, além de evidenciar as dificuldades de se trabalhar essas temáticas pelos professores. Uma boa educação sexual torna o aluno crítico e capaz de lutar no campo da escola e da sociedade em favor do respeito às diferenças.

Referências

- BICHAS, o documentário. Recife, 2016. P&B. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU](https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU)>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- CHECK It. Direção de Dana Flor. Washington, 2015. P&B. Disponível em: <<https://www.indiegogo.com/projects/check-it#/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <<https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-a-ordem-do-discurso-aula-inaugural-no-college-de-france.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1:** A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero : conceitos e termos.** Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 06 fev. 2016.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MULLER, Laura. **Educação sexual em 8 lições:** como orientar da infância à adolescência: um guia para professores e pais. 2 ed. - São Paulo: Academia do Livro, 2013.

PRECIADO, Beatriz. **O Manifesto Contrassexual-** práticas subversivas de identidade sexual. 1 ed. N-1 edições, 2015.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. VIOLÊNCIA ESCOLAR: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p.161-179, jan. 2009. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=2589&dd99=pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.